

## O PIONEIRISMO DE RACHEL DE QUEIROZ: UMA MULHER E ESCRITORA À FRENTE DE SUAS CONTEMPORÂNEAS

### THE PIONEERING SPIRIT OF RACHEL DE QUEIROZ: A WOMAN AND WRITER AHEAD OF HER CONTEMPORARIES

Carolina Batista Fantini de Novais<sup>1</sup>

A femenejada neste panegírico é, para nós, muito especial. Dentre as suas múltiplas obras, *Memorial de Maria Moura* (1992) foi a escolhida para nos guiar como objeto de estudo no Mestrado em Língua Portuguesa que finalizamos na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). O teor de seu enredo despertou o nosso interesse para a pesquisa de variadas escritoras brasileiras, começando por ela própria, **RACHEL DE QUEIROZ**, autora do supracitado romance. Deste então, vimos refinando nossa investigação nesse sentido – especialmente por meio da nossa participação ativa no Grupo de Estudos Filhas de Avalon, do qual somos Membro Fundadora – investigando e publicando sobre beletistas nacionais e internacionais que, diferentemente de Rachel de Queiroz, tiveram protagonismo em suas vidas e legados literários, mas não as mesmas oportunidades nem a mesma visibilidade.

A autora instigou nosso desejo de estudá-la quando ainda nem havíamos adentrado a Universidade. Foi em casa, ainda na adolescência, que tivemos acesso a ela por meio desse romance que virou uma série televisiva em uma emissora de televisão. Infelizmente – e aqui falamos em primeira pessoa, a partir de uma experiência pessoal –, as escritoras nordestinas e nortistas não são tão conhecidas por nós, paulistas, como o contrário se dá. Na Educação Básica, nas aulas de Literatura, nomes como Auta de Sousa, Alina Paim, Nísia Floresta, Palmira Wanderley e Maria Firmina dos Reis, dentre um universo de muitos outros, são completamente desconhecidos pelo alunado – talvez com exceção desta última, que por motivo de seu bicentenário de nascimento em 2022, foi bastante celebrada e lida (inclusive para o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM).

Se afunilarmos o tema para a Literatura Cearense elaborada por mulheres, quando muito, o nome de Rachel de Queiroz será lembrado pelo grande público não somente aqui, mas em grande parte do Brasil, em detrimento dos de Ana Miranda, Emília Freitas, Alba Valdez, Francisca Clotilde, Henriqueta Galeno, Ana Facó e outras – invisibilizadas. Por questões que abrem espaço para muitos debates necessários, existe uma incontida necessidade de se apagar o brilho de beletistas proíficas. Esse não é um problema canônico-literário apenas daqui, mas

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Literatura e Crítica Literária na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. *E-mail*: carolinefantini@gmail.com.

não esqueçamos de que o Brasil é o quinto país no mundo que mais mata as suas mulheres – e o mundo conta, atualmente, com 193 países, portanto, essa é uma cifra absurda. O que ocorreu e ocorre com as mulheres que se dedicam à Literatura e se destacam de seus pares masculinos nesse mister é o que a pesquisadora Constância Lima Duarte chama de **memoricídio**.

Rachel de Queiroz nasceu em Fortaleza (CE) em 17 de novembro de 1910 e faleceu no Rio de Janeiro (RJ) em 4 de novembro de 2003. Filha de Daniel de Queirós e de Clotilde Franklin de Queirós, descende, pelo lado materno, da família Alencar – sendo ela parente do escritor José de Alencar –, e pelo lado paterno, dos Queirós, família de raízes profundamente enraizadas nos municípios de Quixadá e Beberibe. As influências familiares na vida de Rachel de Queiroz foram marcantes, especialmente as advindas de suas antepassadas. Sua avó paterna, Balbina, teve grande importância para a escritora, sendo uma figura de destaque na família, uma das muitas matriarcas do Sertão. Rachel absorveu valores, tradições e ideais que repercutiram diretamente em sua conduta própria, em suas escolhas e em sua produção literária, tornando-se parte essencial de sua identidade como pessoa e como escritora.

Com sua formação primorosa no seio de uma estrutura familiar latifundiária abastada e com tendências políticas liberais, abriu-se para ela e para a nossa Literatura, um novo caminho para a criação literária, algo inédito no Brasil do século XX: a escrita de uma jovem cearense que ainda não tinha completado 20 anos, uma Rachel de Queiroz desconhecida e que, sob a égide de um pseudônimo – Rita de Queluz –, inseria em seus escritos, uma importância significativa atribuída às mulheres e às suas conquistas até aquele momento – mudanças nas quais ela participou como mulher, escritora e cidadã.

A importância da escritora e jornalista Rachel de Queiroz repousa em muitos aspectos. Um deles é a visibilidade que ela dá, em sua obra primeira – sua obra-prima, *O Quinze* (1930) –, à imagem da mulher sertaneja aguerrida e resiliente, que espelha a sua própria história de vida e que ela tão bem cristalizou em seus escritos posteriores a esse *Magnum Opus*. Foram várias as suas personagens femininas emblemáticas – muitas delas, *alter ego* seu. Essa escritora, marcadamente refletindo as características do Modernismo de 1930, plasmou o Sertão em sua escritura, amalgamando engajamento político a questões de cunho social.

Ela foi, em definitiva, uma defensora ativa dos direitos das mulheres, dos trabalhadores rurais e dos mais pobres. Atuou em movimentos e organizações que buscavam a melhoria das condições de vida desses grupos e a sua participação política denuncia as injustiças e as desigualdades que até hoje imperam no Sertão. Teve participação ativa em movimentos sócio-políticos como o Movimento de Cultura Popular (MCP) e o Partido Comunista Brasileiro (PCB). Seguindo ideais esquerdistas, envolveu-se na luta pela reforma agrária, pela educação

popular e pela democratização da cultura. Além disso, participou de diversas atividades de conscientização e mobilização política, buscando contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Seus posicionamentos aliados à sua profissão e ao fato de haver-se separado do primeiro marido e haver estabelecido uma nova conexão conjugal a diferenciavam de suas congêneres, de suas conterrâneas e contemporâneas.

Mesmo sofrendo certa oposição por suas escolhas e atos, ela não se deixou abater; muito pelo contrário. Como Rita de Queluz a princípio e como Rachel de Queiroz em seguida, ela ganhou prestígio profissional em uma carreira literária independente e que se manteve ativa, vibrante e laureada por mais de 70 anos. Seu livro de *debut* no cenário literário nacional, *O Quinze*, de 1930, foi amplamente reconhecido pela crítica literária modernista como um clássico e lhe garantiu reedições, releituras intermediáticas e traduções para diversos idiomas.

A autora teve uma diuturna atuação, à luz do que supra expomos, como romancista, contista, tradutora, dramaturga e cronista, além de ter protagonizado uma grande conquista: ter sido a primeira mulher a ser eleita como membra da Academia Brasileira de Letras, em 1977. Aquele foi um ano singular na pluralidade de conquistas para as lutas das mulheres: em 26 de dezembro, o divórcio foi oficializado em nosso país e, com esse precedente aberto de maneira legal, muitas amarras falocêntricas e patriarcais foram se desfazendo, alinhando essas mudanças aos discursos da segunda onda do feminismo que então aportava entre nós. Além disso, por ter sido a primeira mulher a conquistar o Prêmio Machado de Assis, o maior prêmio da Literatura no Brasil, sua obra passou a ser amplamente reconhecida e estudada, consolidando o seu nome como o de uma das mais importantes escritoras brasileiras em nível mundial.

Rachel de Queiroz, assim como Lygia Fagundes Telles, não aceitava para si o rótulo de “feminista”, mas trouxe aos leitores, mulheres exemplares, que tinham o desejo de serem livres; determinadas, elas escolhem seus destinos e desafiam seus entornos, imprimindo nos romances onde habitam, suas marcas indeléveis. Nesse rol de mulheres impávidas, há a pioneira Conceição, do romance *O Quinze*; a desafiadora Noemi, de *Caminho de Pedras*; a determinada Guta, da obra *As três Marias*; a rebelde Dora, de *Dora, Doralina*; e a mais destemida de todas: Maria Moura, de *Memorial de Maria Moura*. Há as inesquecíveis mulheres das peças teatrais, como a ousada Maria Bonita, de *Lampião*, e Beata, de *A Beata Maria do Egito*.

Sendo **RACHEL DE QUEIROZ** uma inspiração para mim, é uma **HONRA** trazê-la aqui, em mais um trabalho sobre ela – desta vez na forma de panegírico à guisa de femenação, enaltecendo a sua vida atípica, os seus ideais nobres e as suas obras impactantes e imorredouras.

